

# A INTEGRAÇÃO ENTRE RAZÃO E FÉ EM AGOSTINHO

Adelmo José da Silva\*

**SÍNTESE** – Agostinho ocupa um papel importante como ponte entre a filosofia antiga e a Idade Média. Sobre Aristóteles, mostrou conhecer as obras *Categorias*, *Tópicos* e *Da interpretação*, traduzidas por Mário Vitorino. Não obstante isso, Agostinho faz uso muito mais intenso da filosofia de Platão e de Plotino. Assim, este pensador cristão considerou possível conciliar preocupação cristã com reflexão filosófica a partir da tradição grega, bastando somente, neste processo, a realização de algumas correções. Deste modo, apresenta-se a forma como Agostinho incorporou a reflexão grega e conciliou razão e fé.

**PALAVRAS-CHAVE** – Razão. Fé. Filosofia medieval. Platonismo.

**ABSTRACT** – Augustine plays an important role as a bridge between Greek philosophy and the Middle Ages. He showed to know some works of Aristotle, namely *Categories*, *Topics* and *On interpretation*, which were translated by Marius Victorinus. Yet he uses much more intensively the philosophy of Plato and of Plotinus. In this way, this great Christian thinker thought to be possible to conciliate Christian concerns with philosophical reflection, even if some corrections were needed. Therefore, it will be presented the way Augustine incorporates Greek philosophy and found a way of conciliating faith and reason.

**KEY WORDS** – Reason. Faith. Medieval philosophy. Platonism.

Podemos afirmar que foram muitas as reflexões platônicas assimiladas por Agostinho de Hipona. Como é natural ocorrer em um empreendimento filosófico, especialmente quando este trabalho tem como objeto o Cristianismo, Agostinho dá ênfase ao pensamento cristão. Isto nos autoriza a dizer que este pensador, ao invés de ser interpretado como um neoplatônico cristão, é muito mais um filósofo que possui como objeto de séria reflexão a fé cristã, e que julgou ser possível tomar alguns elementos da filosofia grega platônica, adaptando, ou quem sabe, fundamentando racionalmente o discurso cristão; sendo alguns destes elementos até mesmo coincidentes com a reflexão cristã.

É também interessante ressaltar, neste início de reflexão, a postura tipicamente filosófica adotada por Agostinho de não considerar como inteiramente acabada qualquer reflexão filosófica. A filosofia é entendida como reflexão tendo seu objeto específico, e que nunca está totalmente construída, pelo contrário, é processual e, portanto, está sempre a caminho. Isto se aplica ao pensamento de Platão. O

\* Universidade Federal de São João del-Rei, UFSJ.

platonismo não é aceito por ele como doutrina imbuída de uma autoridade e um poder, capaz de apresentar respostas às indagações da pessoa humana. Não se trata de um sistema acabado, mas intermédio ou ponto de apoio com vistas a construir uma reflexão consistente e, segundo ele, inteiramente satisfatória, a saber, o pensamento cristão:

Que fará o infeliz homem? 'Quem o livrará deste corpo de morte, senão a vossa graça por senhor Jesus Cristo Nosso Senhor'<sup>1</sup>, que vós gerastes coeterno e criastes no princípio de vossos caminhos, ao qual 'o príncipe deste mundo'<sup>2</sup> apesar de o não encontrar em nada merecedor de morte, o matou? 'Foi assim anulado o libelo que nos era contrário'<sup>3</sup>.

Ora, isto não o dizem os livros platônicos. Suas páginas não encerram a fisionomia daquela piedade, nem as lágrimas da compunção, nem 'o vosso sacrifício nem o espírito compungido, nem o coração contrito e humilhado'<sup>4</sup>, 'nem a salvação do povo, nem a cidade desposada'<sup>5</sup>, 'nem o penhor do Espírito Santo, nem o cálice do vosso resgate'<sup>6</sup>. Lá ninguém canta: Por ventura a minha alma não há de estar sujeita a Deus? Depende d'Ele a minha salvação, porquanto ele é o meu Deus e Salvador. Ele me recebe e d'Ele não me apartarei mais'<sup>7</sup>.

Nos livros platônicos ninguém ouve Aquele que exclama: 'Vinde a Mim vós os que trabalhais'. Desdenham em aprender d'Ele, que é manso e humilde de coração. 'Escondestes estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelastes aos humildes'<sup>8</sup>.

Agostinho parte do princípio de que a verdade é única e, assim sendo, sugere que esta não possa ser encontrada em dois lugares antagônicos e nem mesmo pode ser dividida em duas. A verdade é uma só; deve a mesma ser buscada com todas as forças pelo homem, e, no momento em que for encontrada, a pessoa deve naturalmente abraçá-la, visto julgar que a mesma não possa ser outra coisa senão a emanção de Deus.

Deste modo é possível compreender que, para Agostinho, Razão e Fé são dois elementos distintos, com a observação de que é vislumbrada a possibilidade de, no homem, estas duas instâncias funcionarem de forma harmoniosa. Agostinho defende esta possibilidade de uma verdadeira integração entre a razão e a fé. Esta fecunda e íntima compenetração entendida como possível é assim considerada tendo por base sua própria vida. O itinerário percorrido por ele, maniqueísmo, ceticismo e platonismo tem como coroamento esta integração. Fé e razão podem viver na mais íntima e completa harmonia e compenetração, embora de maneira inseparável:

E, embora o cristão leigo nas letras profanas não empregue, discutindo terminologia que não aprendeu e não chame natural, como os latinos, ou física, como os gregos, a parte

<sup>1</sup> AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. 4.ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1981. *Apud* Agostinho, p. 180.

<sup>2</sup> Fo. XIV, 30. *apud* Agostinho, 1981, p. 181.

<sup>3</sup> Col. II, 14. id., *ibid*.

<sup>4</sup> Salm. L, 19. id., *ibid*.

<sup>5</sup> Apoc. XXI, 2. id., *ibid*.

<sup>6</sup> II Cor. V, 5. id., *ibid*.

<sup>7</sup> Salm. LXI, 2-3. id., *ibid*.

<sup>8</sup> Mat XI, 28; XI, 25. id., *ibid*.

que se estuda a observação da natureza, racional ou lógica, aquela em que se busca o modo de conhecer a verdade e moral ou ética, a que trata dos costumes e dos fins dos bens que devem ser apetecidos e dos males que devem ser evitados, nem por isso desconhece que desse Deus uno, verdadeiro, e ótimo, procedem tanto a natureza, graças à qual somos imagem sua, como a ciência, pela qual o conhecemos e nos conhecemos, com a graça, mediante a qual, unindo-nos a Ele, somos felizes. Eis a causa que nos leva a preferi-los aos demais [...] <sup>9</sup>.

Isto nos faz tender para a afirmação de que Agostinho não é apenas um filósofo preocupado exclusivamente com a investigação de objetos. Sua constatação acerca da insuficiência da filosofia para responder às questões que desafiam os homens é possível de ser verificada. Assim, como é verificável sua convicção a respeito da necessidade de se buscar a verdade plena, aquela que segundo ele satisfaz realmente, através da descoberta da fé.

Esta noção de insuficiência da filosofia que requer a complementação nas verdades ligadas à fé vincula-se à convicção deste pensador sobre a inviabilidade no que diz respeito a um eventual funcionamento autônomo por parte da razão. O que o faz descartar a idéia de um funcionamento autônomo da razão é a constatação da necessidade de uma inundação por parte da alma das verdades ligadas à fé, isto torna-se exigência por parte da pessoa a partir da tomada de consciência de que os recursos racionais são insuficientes para assegurar satisfação àquele que busca respostas para as suas indagações. Agostinho defende a tese de que somente a fé é capaz de proporcionar esta satisfação precisamente por ela pertencer a um terreno que transcende o da pura racionalidade. Importa dizer, portanto, que para ele, a posse da verdade plena somente é possível mediante a fé.

Este conceito Agostiniano de fé pode ser compreendido quando o consideramos relacionado com o itinerário existencial por ele percorrido. Ele foi sem dúvida um filósofo ansioso e até mesmo angustiado à procura da verdade. Esta ansiedade e angústia o conduziram a diversas situações e buscas racionais por diversas reflexões filosóficas. A fé de Agostinho constitui-se no ponto a que ele chegou, após sucessivas buscas. Por outro lado, somos levados a acreditar que a fé deste filósofo, não é apenas ponto de chegada e conseqüentemente repouso; mais do que isto, movido pela angústia que marcou profundamente sua existência, é ponto de partida para novas buscas rumo às novas especulações, não mais apenas racionais, porém orientadas por esta fé. Eis suas palavras:

[...] Porque é muito razoável pensar ou, se não for possível, pelo menos crer, que o homem, feito à imagem de Deus, está precisamente mais próximo de Deus pela parte que supera as demais partes inferiores, que tem em comum os animais. Como a mente, porém, a que se encontram unidas, por natureza, a razão e a inteligência, está impossibilitada, por causa de alguns vícios tenebrosos e inveterados, não somente à luz incomutável, gozando-a, mas também de suportá-la, até que, renovando-se dia a dia e sarando, se torna capaz de tamanha felicidade, devia, primeiro, ser instruída e purificada pela fé. E, com o fim de que nela cami-

<sup>9</sup> AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus*. Trad. Oscar Paes Leme. São Paulo: Editora das Américas, 1961. 1 v. p. 401-402.

nhasse com maior confiança até à verdade, a própria Verdade, Deus, O Filho de Deus, assumindo o homem, não consumindo a Deus, estabeleceu e fundou a fé, para que o homem tivesse no Homem-Deus caminho até o Deus do homem<sup>10</sup>.

Conforme expusemos acima, isto não quer dizer que Agostinho esteja sugerindo a anulação da razão. O que há é apenas uma consideração de sua parte no sentido de apontar os limites da razão para se obter e proporcionar ao homem a verdade plena e satisfatória; porém a fé e a razão, integrados, sem anular-se e excluírem-se são capazes de desempenhar um papel preponderante no intelecto humano.

O intelecto desempenha o papel de preparar para a fé. Em seguida a fé esclarece e ilumina a inteligência humana, culminando este processo no amor. Assim o processo de que nos fala Agostinho inclui os seguintes procedimentos: primeiramente entender para se chegar ao crer, do crer para se ter acesso ao entender, e do crer e entender ser possível chegar ao que ele chama amor.

Chama-nos a atenção de que o mais importante para Agostinho é a verdade; esta é sua preocupação maior, e para atender a esta exigência de ordem filosófica e cristã, não importa se os procedimentos sejam oriundos da fé ou da razão, mas sim o acesso à verdade.

A fé para Agostinho possui a tarefa de esclarecer, é responsável também pelo discernimento e pela libertação dos atrativos dos sentidos, vejamos:

De facto, todas as realidades não nos penetram na memória. Só as suas imagens é que são recolhidas com espantosa rapidez e dispostas, por assim dizer, em células admiráveis, donde admiravelmente são tiradas pela lembrança.

Quando oigo dizer que há três espécies de questões, a saber: 'se uma coisa existe (an sit)? qual a sua natureza (quid sit)? e qual a sua qualidade (quale sit)?', retenho as imagens dos sons de que se formaram estas palavras, e vejo que eles passaram com ruído através do ar, e já não existem. Não foi por nenhum dos sentidos do corpo, que atingi essas coisas significadas nestes sons, nem as vi em parte nenhuma a não ser no meu espírito. Escondi na memória não as suas imagens, mas os próprios objetos<sup>11</sup>.

Esta purificação de que nos fala o filósofo é responsável pela devoção, possibilitando a ascensão da alma. Há como que um movimento dialético do mundo sensível para o mundo inteligível, do mundo da aparência, da ilusão, para o mundo real.

A razão, como dissemos acima, é tida por Agostinho como elemento importante para tornar inteligível, por assim dizer, o conteúdo doutrinário da fé. O reconhecimento por parte de Agostinho da importância da razão, não o impede de apontar os seus limites. E de que forma entender estes limites apontados por ele? Ora, diante da multiplicidade de questões levantadas pelo homem, não se pode imaginar que todos eles possam ser trabalhados, refletidos e sobretudo respondi-

<sup>10</sup> AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus*. Trad. Oscar Paes Leme. São Paulo: Editora das Américas, 1961. 2 v. p. 104-105.

<sup>11</sup> \_\_\_\_\_. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. 4.ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1981. p. 251.

das pela razão. Esta não possui a capacidade para abarcar todos os questionamentos e conduzi-los a soluções satisfatórias.

Ao dizer que a razão possui limites, Agostinho, depois de reconhecer a importância da razão, procura mostrar igualmente que muitas questões extrapolam o terreno racional, visto que este não é capaz de abarcar tudo. Ao lado de preocupações de ordem racional, existem as preocupações de ordem metafísica e de ordem religiosa. E no que se refere ao aspecto religioso, a razão isolada é impotente para especular acerca da natureza de Deus, da relação d'Este com os homens, da possibilidade de uma vida para além da morte, da existência da alma etc. Agostinho afirma, portanto, que a razão é incapaz de explicar todos os mistérios, especialmente quando se observa a existência de questionamentos pertencentes exclusivamente ao terreno metafísico.

Agostinho também reserva um papel desafiador para a fé. Sua função não deve se limitar apenas a acreditar, mesmo não havendo evidências racionais para o objeto em questão. A função da fé, além de crer, é fazer chegar à inteligência, o quanto seja possível, aquelas verdades com as quais ela deparou-se. Até porque o mesmo não tem como absurdas aquelas verdades a que a fé teve acesso; ao contrário, aposta na possibilidade de a inteligência render-se diante das verdades obtidas através da fé.

A investigação e busca da verdade são consideradas por Agostinho como tarefa árdua, vejamos:

Admirava-me muito, ao recordar diligentemente quão longo fora o período de tempo decorrido após os dezenove anos, idade em que começara a arder no desejo da Sabedoria propondo-me depois de a obter, abandonar todas as esperanças frívolas e todas as loucuras enganosas das vãs paixões. Porém chegado já aos trinta anos, continuava preso ainda ao mesmo lodo de gozar dos bens presentes que fugiam e me dissipavam.

Entretanto exclamava: 'Amanhã encontrá-la-ei; oh! a verdade aparecer-me-á com evidência e possuí-la-ei; Fausto virá explicar-me tudo'. Ó grandes homens da Academia! Nada se pode conceber de certo para a conduta da vida? Não. Busquemos, pois, com mais diligência, sem desesperar. Nos Livros Santos já não é absurdo o que parecia absurdo, podendo ser interpretado de modo diferente e mais aceitável [...] <sup>12</sup>.

Acerca do pensamento agostiniano, podemos dizer que, ao contrário do que alguns afirmam, qualificando-o de sentimentalista, o mesmo destaca e guarda a sua importância, dentre outros motivos, por ter refletido sobre a relação entre a fé e a razão, preocupação fortemente presente ao longo da história da filosofia. Reconheceu a limitação da razão humana, enquanto incapaz de responder a todas as questões que desafiam o homem. Do reconhecimento da limitação da razão, concluiu sobre a necessidade da revelação e da fé, enquanto complemento indispensável no processo intelectual.

A revelação e a fé correspondem ao que ele denomina graça, capaz de suprir o papel impossibilitado de ser cumprido simplesmente pela razão inferior e pela razão superior, a saber, trazer à mente humana as verdades eternas.

<sup>12</sup> AGOSTINHO, Santo. Op. cit., p. 147.

Concluindo, em momento algum Agostinho sinaliza para uma eventual necessidade de anulação da razão; assim acreditamos que a postura filosófica agostiniana no que se refere à relação entre razão e fé não pode servir de base para uma possível tendência que procura exaltar o sentimentalismo, o irracional em detrimento da inteligência. A mais veemente aspiração agostiniana é chegar à inteligência pela fé, mas não pára; o mesmo prossegue em direção à inteligência, onde a fé deve desempenhar a sua função, conforme apresentada acima. Além do sentir, é proposto o desafio para compreender, conforme suas palavras:

[...] Podemos entender, porém, que muitas nações, quando perseguiram os cristãos, lhes lançaram em rosto a paixão de Cristo, chamada mutação pela Escritura, porque, morrendo, se tornou imortal. De acordo com isso, também pode ser entendida por mutação de Cristo a exprobrada aos israelitas, pois, quando esperavam que viria para eles, veio para todos. E isso muitas ações que, pelo Novo Testamento, creram nele lhes lançam em rosto, pois continuaram na Lei antiga. Nesse caso, as palavras: *Tem presente, Senhor, os opróbrios que teus servos sofreram*, são ditas porque, não se esquecendo deles o Senhor, mas, antes, compadecendo-os, deve depois do opróbrio atraí-los, por sua vez à fé [...] <sup>13</sup>.

Embora reconhecendo as limitações da razão humana, Agostinho a aponta como sendo o maior bem de que o homem é possuidor. Por diversas vezes o pensador apresenta a razão como o instrumento altamente eficiente através da qual o homem pode investigar e buscar a verdade.

<sup>13</sup> AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus*. Trad. Oscar Paes Leme. São Paulo: Editora das Américas, 1961. 3 v. p. 40.